

## A INSERÇÃO DAS MULHERES no mercado de trabalho

por **Adiane C. do Nascimento**<sup>1</sup>

Nos últimos anos analisou-se e questionou-se sobre a crescente participação feminina no mercado de trabalho. A inserção das mulheres na atividade econômica foi marcada por uma série de dificuldades, devido o mercado de trabalho apresentar desigualdades, tais como: recebimento de salários inferiores, informalidade, extensa jornada de trabalho e discriminação. Essas diferenças ocorrem mesmo quando se compara pessoas com o mesmo nível de qualificação ou postos de trabalhos semelhantes. As mulheres, embora com um nível educacional maior do que os homens, continuam recebendo salários inferiores. São movidas pela necessidade de contribuir com a remuneração da família e também pelo desejo de realização profissional.

A intensificação da participação feminina no mercado de trabalho, a partir da década de 70, prosseguindo-se na década de 80 e 90 passou por diversas mudanças, tanto quantitativas como qualitativas, aumentou-se a população economicamente ativa e os postos de trabalhos se tornaram insuficientes para atender toda a demanda por emprego. Na busca de uma solução para o desemprego inseriram-se num mercado de informalidade, ocupando geralmente posições mais vulneráveis, muitas vezes desprovidas dos direitos garantidos por lei. Muitas delas inseriram-se em um setor precarizado.

De acordo com Bruschine e Lombardi (1996), o setor terciário foi o que possibilitou a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho (comércio, serviços e bancos), compensando os efeitos negativos gerados pela crise dos anos 80.

Nos anos 90, de acordo com Wajman; Queiroz e Liberato (1998), as que trabalhavam por conta própria no comércio de mercadorias, em sua maioria, eram mulheres inativas e desempregadas. O crescimento recente da taxa de participação feminina no mercado de trabalho é decorrente da entrada de mulheres mais velhas e/ou cônjuges, com o intuito de completar a renda familiar, principalmente entre 25 a 39 anos e de 40 anos ou mais. Separação e menor frequência de casamentos também contribuem para o aumento

dessa participação feminina em idades mais avançadas. Inicialmente, elas dedicaram-se a bordados, aulas de piano, culinária entre outras atividades. Com o passar do tempo buscaram novos desafios e entraram em novas áreas, conquistando atividades antes reservadas aos homens, o que gerou mudanças culturais. Isso decorreu devido à queda na fecundidade e aumento do nível de escolaridade, principalmente, no ingresso no nível secundário e universitário.

Houve uma explosão universitária nos últimos 30 anos que foi aproveitada melhor pelo sexo feminino, o que se torna uma vantagem, mas, suas remunerações continuam por reproduzir desigualdades tradicionais, cuja diferença aumenta conforme aumenta o nível de escolaridade. No entanto, segundo o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres (UNIFEM), essas discrepâncias salariais vêm diminuindo. Entre os mais jovens há uma aproximação de rendimentos. A diferença é maior quando a idade aumenta.

Observa-se uma participação feminina maior nas camadas da classe média para cima. Aquelas de camadas inferiores encontram muitas dificuldades ao sair do lar para o trabalho - a possibilidade de não ter com quem deixar seus filhos, junto à falta de creches e pouca escolaridade contribuem para que elas continuem desempregadas.

Mesmo com todas as dificuldades a mão-de-obra feminina no mercado de trabalho se apresenta de forma mais intensiva e a inserção nesse mercado aponta uma população em idade mais avançada, principalmente entre as casadas e com filhos. As estatísticas demonstram também que, mesmo de forma lenta, as diferenças salariais e ocupacionais tendem a diminuir cada vez mais, pois, o que interessa de fato nesse mercado é a competência profissional - e elas, mais do que nunca, estão se mostrando muito capazes de assumir tais responsabilidades.

<sup>1</sup> **Adiane C. do Nascimento** é graduada em Ciências Econômicas/UFPI.